

CURSO BÁSICO DE FORMAÇÃO DE CONDUTOR DE VISITANTES

GRUPO AMBIENTALISTA DA BAHIA

Curso Básico de Formação de Condutor de Visitantes

Boa Nova - Bahia

Rogério Mucugê Miranda
Instrutor

Bahia 2012

REALIZAÇÃO

Grupo Ambientalista da Bahia - GAMBÁ

Apoio
Conservação Internacional

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Rogério Mucugê Miranda
Organizador

Carol Nóbrega
Diagramação

SUMÁRIO

	Apresentação - Quando tudo começou	5
1	Conceitos	7
	Desenvolvimento Sustentável	7
	Unidades de Conservação do Brasil	7
	Parques Nacionais e Refúgios de Vida Silvestre	8
	O Turismo e suas Categorias	9
	Guia de Turismo e Condutores de Visitantes	11
2	Técnicas de Condução de Visitantes	12
	Por que Conduzir Visitantes?	12
	Tipos de Visitantes	12
	Funções e Responsabilidades do Condutor	13
	Funções e Responsabilidades do Condutor para com a Natureza	13
	Funções e Responsabilidades do Condutor para com a Comunidade Local	14
	Tamanho do Grupo e da Equipe de Condutores	14
	Técnica Profissional	14
	Técnicas de Caminhada em Grupo	15
	Interpretação Ambiental	18
	Pedagogia da Mata e do Rural	27
3	O que levar para uma caminhada?	28
	Vestuário para Caminhadas	28
	Equipamentos de Excursionismo	29
	Alimentação para Caminhadas	29
4	Segurança	30
	Segurança	30
	Primeiros Socorros	33
5	Técnicas de Excursionismo de Mínimo Impacto	34
6	Caminhada de mais de um dia	39
7	Manejo de trilha	41
8	Roteiro e Produto Turístico	45
9	Cartografia, orientação e navegação	47
10	Conclusões	49
	Ética Profissional	49
	Associativismo	50
	Conclusões e reflexões	50
	Referências bibliográficas	51

Quando Tudo Começou

As primeiras trilhas foram construídas pelo homem pré-histórico em busca de água, alimento e abrigo. No Brasil, quando os portugueses chegaram em 1500, estima-se que haviam cerca de 5 milhões de índios divididos em milhares de tribos e falando mais de mil línguas diferentes. Uma enorme diversidade cultural, resultado de um longo e complexo processo de



relações e de ligação com a natureza. A cultura indígena representa uma das maiores fontes de conhecimento sobre a natureza. Os índios foram, portanto, importantes demarcadores de caminhos, conduzindo os exploradores pelas trilhas nas matas, campos e cerrados, e pelos rios, córregos e igarapés.

Algum tempo após a sua chegada, os portugueses trouxeram africanos para serem escravizados. Esta população também tinha uma cultura diversificada em suas diversas regiões da África, trazendo-a para o Brasil, e mesclando com a indígena e portuguesa. Nasce assim a cultura brasileira, de diversas origens, e seus possuidores foram se reacionando e aprendendo a viver com as diversas paisagens do território brasileiro: Mata Atlântica, Amazônica, Caatinga e etc. Surge assim, no interior do país, uma figura conhecida como mateiro. Moradores da floresta e trabalhadores rurais com grande conhecimento sobre os recursos e os perigos da natureza. Os que chegavam, eram conduzidos pelos mateiros por todo o Brasil. Eram os guias do mato, excelentes conhecedores de suas regiões.

Boa Nova no contexto histórico

Já no sudoeste baiano, na primeira metade do século XVIII o bandeirante André da Rocha Pinto e sua comitiva iniciaram a penetração portuguesa na região onde se situa Boa Nova, na Bahia, subindo o rio de Contas, em busca das lendárias minas auríferas existentes na Serra do Timorante, próxima ao povoado do Valentim.

No período de 1744 a 1790, os bandeirantes João da Silva Guimarães e João Gonçalves da Costa iniciaram o desbravamento da região, em busca de metais preciosos e terras propícias para a criação de gado. Após anos de intenso massacre contra os índios Mongoió (Camacã) e Imboré (Botocudo), João Gonçalves da Costa acabou por ser premiado com as terras entre o rio Pardo e o rio de Contas, chamada então Sertão da Ressaca. Construiu estradas para Minas Gerais, Nazaré

das Farinhas, Caetité, Rio de Contas e Ilhéus. Fundou as cidades de Vitória da Conquista, Condeúba e Poções.

Quando da passagem do Príncipe Maximiliano de Neuwied pela região em 1817, o primeiro núcleo habitado de Boa Nova foi a fazenda Uruba, às margens do rio de mesmo nome, onde residia o capitão Mor Antônio Dias de Miranda um dos filhos mais bem sucedidos de João Gonçalves da Costa.

A fertilidade das terras concorreu para a fixação dos descendentes de Antônio Dias de Miranda no local denominado Boca do Mato. Formou-se então o povoado. O nome Boa Nova surgiu por volta de 1860. Certo frade que se perdera nas selvas, vindo de uma missão em Conquista, socorrido pelos moradores da região, em agradecimento lhes ofereceu uma estampa de Nossa Senhora da Boa Nova, pedindo que edificassem no local uma capela dedicada à santa, inaugurada em 1870 pelos esforços de Antônio Coelho Sampaio, genro de Antônio Dias de Miranda.

A povoação foi anexada ao distrito de Poções que integrava o município de Vitória da Conquista em 1878 e posteriormente ao Município de Poções em 1880. Em 1903, por interferência do tenente coronel Afonso Henrique Pereira, a sede do município foi transferida para Boa Nova e Poções foi extinto. Surgiu daí grande descontentamento da população, até que em 1910 um grupo de poçoenses explodiu em reação armada contra o chefe boa-novense resultando em uma morte e vários feridos. O confronto cessou após a intervenção da polícia baiana. Este clima conflituoso levou à restauração do Município de Poções em 1918 e à posterior anexação de Boa Nova ao município de Vitória da Conquista, do qual separou-se definitivamente em 1921, quando foi elevada à categoria de município.

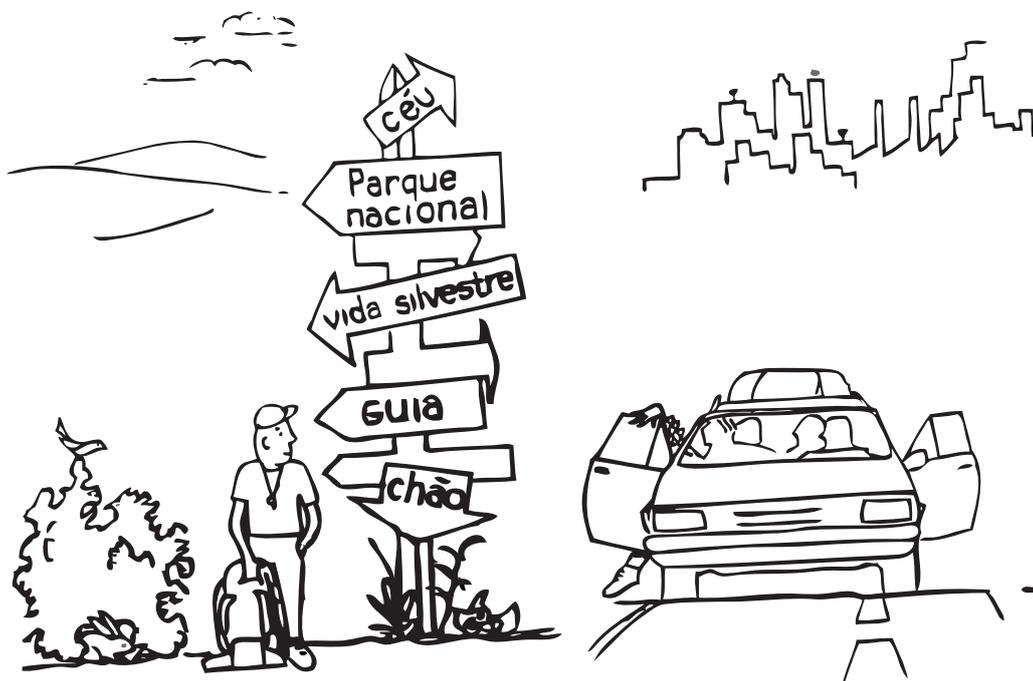
O Município de Boa nova era então formado pelo distrito sede, e as vilas de Distampina, Japomirim, Cajazeiras, Imbuíra, Catingal, Monte Alegre e Areião.

Distampina, juntamente com Japomirim, emancipou-se em 1958 com o nome de Itagibá, Cajazeiras emancipou-se em 1962 com o nome de Dário Meira, Imbuíra, juntamente com Catingal, emancipou-se também em 1962 com o nome de Manoel Vitorino, Monte Alegre, juntamente com Areião, emancipou-se em 1989 com a denominação de Mirante.

Hoje Boa Nova preserva um belo conjunto arquitetônico do início do século XX e é constituída pelo distrito sede e os maiores povoados são Valentim na zona da Mata e Penachinho na zona da caatinga, além de se constituir por ambientes naturais em áreas protegidas que, juntos, podem ser interpretados aos visitantes pelos guias locais, com segurança e informação.

Contribuição de Osmar Barreto Borges

CONCEITOS



Desenvolvimento Sustentável

A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar três objetivos: crescimento econômico, igualdade social e conservação ambiental.

Dentro deste contexto, surge o ecoturismo e o turismo de base comunitária, que falaremos mais adiante.

Unidades de Conservação do Brasil

Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC, entende-se por unidade de conservação: "espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente

instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (SNUC, 2000). Dentro deste Sistema, existem dois tipos de Ucs:

Unidade de Conservação (UC)	Objetivo	Categorias
Proteção Integral	Preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos em Lei	<ul style="list-style-type: none"> • Estação Ecológica • Reserva Biológica • Parque Nacional • Monumento Natural • Refúgio da Vida Silvestre
Uso Sustentável	Compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais	<ul style="list-style-type: none"> • Área de Proteção Ambiental • Área de Relevante Interesse Ecológico • Floresta Nacional • Reserva Extrativista • Reserva de Fauna • Reserva de Desenvolvimento Sustentável • Reserva Particular do Patrimônio Natural

Parques Nacionais e Refúgios de Vida Silvestre

Estas duas categorias estão inseridas no grupo das Unidades de Conservação de Proteção Integral. Apesar disso, existem algumas diferenças entre elas. Vamos ver.

	PARQUE NACIONAL	REFÚGIO DE VIDA SILVESTRE
OBJETIVO	Preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.	Proteger ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória.
DIREITO DE PROPRIEDADE	É de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriados, de acordo com o que dispõe a lei.	Havendo incompatibilidade entre os objetivos da área e as atividades privadas ou não havendo aquiescência do proprietário às condições propostas pelo órgão responsável pela unidade para a coexistência do Refúgio da Vida Silvestre com o uso da propriedade, a área deve ser desapropriada, de acordo com o que dispõe a lei.

Com relação à visitação pública, em ambas ela está sujeita:

- às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade;
- às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração;
- às normas previstas em regulamento.

Com relação à pesquisa científica, em ambas a pesquisa:

- depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade;
- está sujeita às condições e restrições estabelecidas pela administração;
- está sujeita às condições e restrições previstas em regulamento.

O Turismo e suas Categorias

Segundo o dicionário Aurélio, TURISMO é “viagem ou excursão feita por prazer, a locais que despertam interesse”. É o setor econômico que apresenta os mais elevados índices de crescimento no contexto mundial. O seu desenvolvimento tem trazido preocupações aos governos locais, às comunidades receptoras e às organizações conservacionistas por colocar em risco áreas naturais, protegidas ou não, de riquezas imensuráveis, assim como importantes patrimônios histórico-naturais e culturais.

Isso deve-se à velocidade e escala dos investimentos públicos e privados, em detrimento da aplicação prévia de mecanismos de planejamento participativo, legislação de uso do solo, zoneamento e proteção ambiental, educação dos visitantes e planos de monitoramento da atividade, que podem garantir a proteção da base dos recursos naturais e culturais que fundamentam os negócios do turismo.

O turismo possui várias vertentes e ele surge como possibilidade de reencontro, de fantasia, sair em busca do novo, da saúde física, mental, de expressar-se no encontro com outra cultura, outros valores, sabores, tempos e diversão.

Mas existem algumas formas sustentáveis de turismo, como o ecoturismo e o turismo e base comunitária, que buscam a prática do desenvolvimento sustentável. Elas têm potencial para contribuir para a conservação de diversidade biológica dentro e fora de áreas protegidas, assim como promover melhorias na qualidade de vida das comunidades locais e regionais. Vamos falar um pouco sobre cada uma delas.

Ecoturismo

Segundo a definição oficial brasileira, “ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (EMBRATUR).

O ecoturismo se baseia em três pilares de beneficiários: visitante, comunidade e meio natural.

Turismo de Base Comunitária

“É um modelo alternativo de gestão turística, interna e autônoma, gerenciado pelas organizações comunitárias rurais, indígenas e urbanas, marcadas pela diversidade econômica de seus sistemas produtivos e pela administração integral do desenvolvimento em seus territórios de origem”. (BOLÍVIA, 2006)

Ecoturismo de Base Comunitária

“O ecoturismo de base comunitária deve ser visto como o turismo realizado em áreas naturais, determinado e controlado pelas comunidades locais, que gera benefícios para estas e para áreas relevantes para a conservação da biodiversidade.” (Rene Scharer)

Turismo Comum | Ecoturismo e Turismo de Base Comunitária: algumas diferenças

Comum – as pessoas contemplam o que conseguem ver sem se mexer muito.

Ecoturismo e Turismo de Base Comunitária – existe movimento, as pessoas tomam sol e chuva, caminham, conhecem a cultura local, a culinária e a história, num envolvimento mais profundo com a região.

Ecoturismo / Turismo de Base Comunitária: alguns benefícios

Favorece o desenvolvimento das comunidades locais através de emprego de mão-de-obra local em funções como guias, além de gerar meios de hospedagens (áreas de acampamento, pequenas pousadas), alimentação, produção agrícola,

Guia de Turismo e Condutores de Visitantes

Guia de Turismo

É o profissional que, devidamente cadastrado na Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo, exerce as atividades de acompanhamento, orientação e transmissão de informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializados. Para se tornar Guia de Turismo, o candidato tem que preencher, dentre os requisitos: ter concluído o 2º grau e o Curso de Formação Profissional de Guia de Turismo.

Condutor de Visitantes

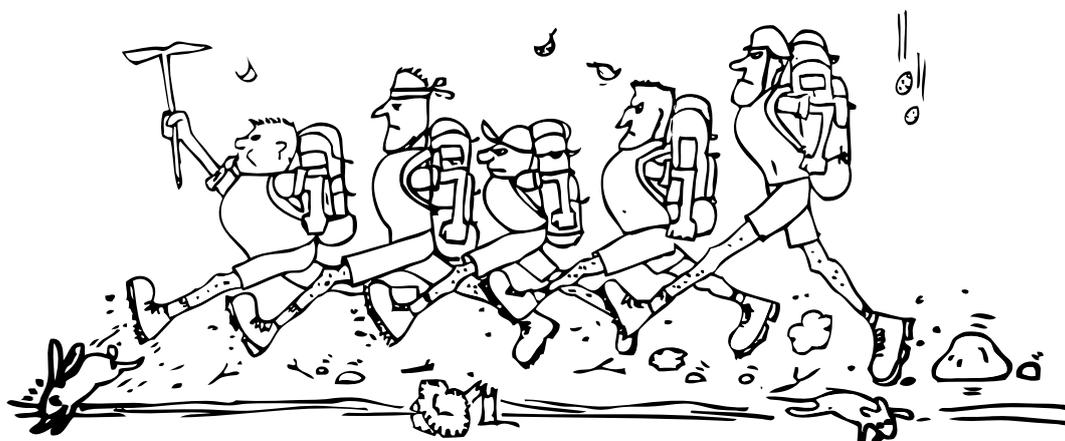
É o elo de ligação entre o visitante, a comunidade e o próprio ambiente que, apesar de ameaçar o visitante por um lado, é frágil e requer cuidados para que não se degrade por outro. O condutor tem o importante papel de intérprete que sabe conciliar da melhor forma possível os interesses e as necessidades de ambas as partes.

O primeiro curso de capacitação ocorreu em 1991 em Alto Paraíso, junto aos moradores vizinhos do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros – Goiás. Esta iniciativa deu-se após o Ibama proibir acampamentos e visitas desacompanhadas ao Parque devido à degradação que estas estavam causando à área. A maioria dos alunos era de mineradores de cristal ou filhos destes.



Ilustração do Manual Indígena de Ecoturismo, que mostra guia-índio (mateiro) conduzindo ecoturistas em observação de fauna.

TÉCNICAS DE CONDUÇÃO DE VISITANTES



Porque conduzir visitantes?

O Refúgio de Vida Silvestre e o Parque Nacional de Boa Nova são Unidades de Conservação de Proteção Integral e, portanto, se constituem em um pólo natural e cultural de atração para visitantes. Quando chegam a áreas como esta, os visitantes se ocupam em atividades como caminhadas em trilhas, visitas a comunidades, experimentação da cultura local (culinária, festividades e etc), entre outras

Se eles passeiam sozinhos, pode ocorrer:

- risco de destruição ambiental e cultural;
- desconforto;
- perigo.

Porém, se a visita ocorre monitorada, os visitantes:

- irão nos melhores lugares com mais informações interessantes;
- não estragarão a natureza e nem a cultura local.

Tipos de Visitantes

Turista Tradicional

É aquele que em geral não se movimenta muito. O movimento mais freqüente é o de jogar lixo onde não deve, costuma achar que tudo lhe pertence e age como se fosse o último a estar por ali: carrega tudo o que acha interessante sem se tocar que outro visitante futuro não terá nada para ver. Normalmente reclama de tudo.

Turista Fantasiado

É um terror para a natureza. Costuma se vestir com roupa camuflada, como se estivesse indo para uma guerrilha. Geralmente não quer nada com os condutores, que poderão coibi-lo em suas manifestações de vandalismo.

Turista Aventureiro

É aquele todo equipado, treinado e habituado a andar em grupos independentes por trilhas de todas as dificuldades e comprimentos. Não usam guias, pois localizar o caminho é uma de suas habilidades, são auto-suficientes em quase tudo e não representam perigo para a natureza. Às vezes ajudam até reparar o estrago dos outros.

Ecoturista

Costuma estar em harmonia com o ambiente e com as pessoas, é bem disposto para as caminhadas, espera muito do condutor, como: levar nos melhores locais em segurança, passar informações de animais, plantas e histórias da região etc.

É importante saber que um tipo de visitante não exclui o outro. O que ocorre é uma variação de proporção entre os diversos tipos. É claro que essa classificação não é absoluta, existindo sempre exceções em todos os casos e turistas que não se enquadram em nenhum tipo.

Funções e Responsabilidades do Conductor

- **Guiar o caminho** - Não é só levar pelo caminho certo. Vai muito além disso.
- **Informar o grupo** - As informações são de três tipos: instruções de comportamento, informações ilustrativas e avisos.
- **Cuidar do grupo** - Fisicamente e psicologicamente.
- **Socorrer** - É obrigação do guia prestar primeiros-socorros, salvamento, resgate e transporte. Enfim, garantir a integridade do visitante.

Funções e Responsabilidades do Conductor para com a Natureza

- **Zelar diretamente** - Cabe ao guia cuidar da área visitada vigiando seus visitantes quanto ao bom comportamento.
- **Conscientizar o visitante** - É a contribuição dos condutores para educar os visitantes com relação à qualidade de vida e à forma de visitação em áreas protegidas.

Funções e Responsabilidades do Condutor para com a Comunidade Local

- **Conservar a cultura local** - O condutor deve orientar os visitantes quanto ao bom comportamento na comunidade, evitando o uso de drogas ilícitas e outras atividades que causem choque com a cultura local.

Tamanho do Grupo e da Equipe de Condutores

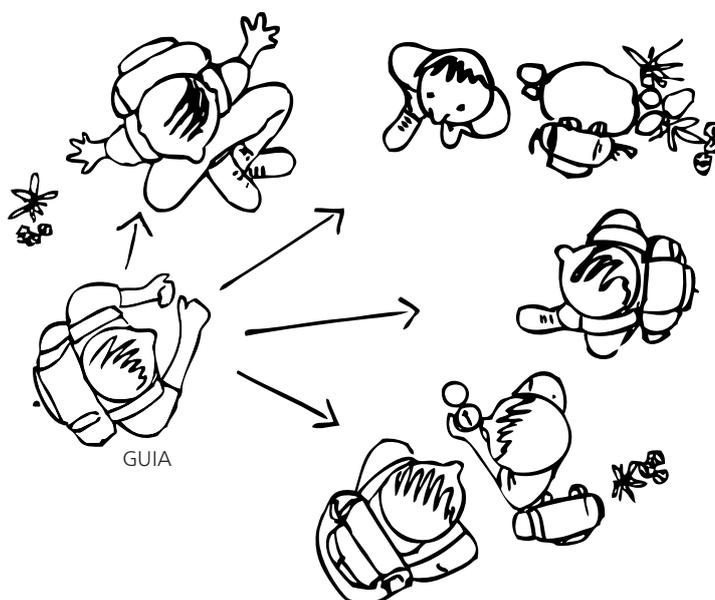
A experiência tem nos mostrado que o grupo nunca deve exceder 10 visitantes. Mas, caso você se defronte com um grupo maior que isso já formado, a sugestão é que ele seja dividido em dois ou mais sub-grupos, que farão roteiros diferentes ou a mesma trilha, com um intervalo mínimo de tempo calculado para que os grupos não se encontrem nem nas paradas.

A relação ideal é um guia para cada dez visitantes, e no mínimo dois guias por passeio para garantir a segurança em situações onde, ocorrendo algum problema com um dos guias, o grupo ainda tenha o outro para garantir a segurança de todos e o socorro do próprio companheiro.

Técnica Profissional

Conduzir um grupo começa bem antes do primeiro passo da caminhada ser dada. O condutor dispõe de certa técnica que ao mesmo tempo em que cumpre os procedimentos preliminares à atividade, o coloca como guia de fato do grupo. Ou seja, o guia assume a sua posição de liderança. Por mais adverso que seja o humor de seu grupo, existem dois argumentos, muito fortes, que devem ser empregados para ganhar a confiança e a simpatia dos visitantes: paciência e simpatia.

A ideia agora é fazer da apresentação a reunião para instruções iniciais, uma oportunidade para o guia se posicionar como profissional que liderará a atividade, em troca de segurança e informações.



Uma possível seqüência de ações pode ser da seguinte forma:

1. Conclame o grupo, disperso, a se reunir em círculo;
2. Proceda às apresentações dos guias;
3. Esclareça ao grupo a atividade que irão desenvolver;
4. Defina (com simpatia) onde irão andar os guias e guiados;
5. Esclareça-os sobre comportamentos na natureza;
6. Esclareça-os sobre comportamentos adequados ao convívio com a comunidade local, se for o caso;
7. Fale ao seu grupo sobre o ato de caminhar;
8. Cheque o equipamento do pessoal;
9. Numere o grupo.

Essa reunião informativa deve durar entre 5 e 15 minutos e não mais do que isso, pois no início de um dia de caminhada sempre há uma grande ansiedade em começar logo a atividade por parte dos visitantes.

Técnicas de Caminhada em Grupo

Comunicação

1. Com os guiados

Ocorrem em geral para informações e avisos.

Como fazer essas comunicações?

- Reunião do grupo;
- Telefone sem fio;
- Mensageiro fixo.

2. Entre os guias

entre os aspectos mais importantes, os guias devem comunicar-se para:

- Verificar se a caminhada pode continuar;
- Em casos de retardatários;
- Necessidade de parada breve;
- Alerta de obstáculos à frente;
- Necessidade de auxílio;
- Necessidade de socorro.

3. Comunicação Guia-Guia

Quatro formas infalíveis:

- Diálogo direto;
- Sinais de ângulo de visão
- Apitos
- Rádio - comunicadores

4. Intervalo entre comunicações ordinárias

Comunicações ordinárias são aquelas feitas sem motivo aparente. Não apareceu dificuldade, não tem abismo, ninguém se machucou, mas é necessário haver uma comunicação entre os guias. Isso se faz nas paradas para juntar o grupo e conferir, com certeza, se tudo vai bem.

SE VOCÊ NÃO TEM VISÃO DO GRUPO	SE VOCÊ TEM VISÃO DO GRUPO
Deve-se proceder um momento de comunicação a cada 10 minutos em média, podendo ser flexionado esse tempo de acordo com o seu tipo de grupo ou de trilha.	Para prevenir erros, a comunicação de fato deve ocorrer a intervalo máximo de 30 minutos.

Velocidade da caminhada

Em um grupo de caminhada, constituído por pessoas que não realizam treinamento contínuo e específico para andar por trilhas irregulares, deve-se andar DEVAGAR.

Se esse grupo for muito heterogêneo ou formado por pessoas de má forma física, sua velocidade de progresso deve ser menor ainda.

Na prática, as velocidades de caminhadas são muito variáveis e alguns fatores importantes devem ser considerados na determinação da velocidade do grupo. São eles:

- **Homogeneidade ou Heterogeneidade do grupo** - Quanto mais homogêneo for o grupo, maior a sua liberdade em acelerar a caminhada quando for conveniente. Já se o grupo for muito heterogêneo, certamente haverá pessoas que só consigam caminhar lentamente, obrigando o grupo a andar devagar pois, de outra forma, abriria-se uma distância muito grande entre as pontas assim como entre os elementos do grupo.
- **Disposição mental e física do grupo** - É uma medida de ânimo das pessoas em fazerem a caminhada lentamente ou rapidamente.

- Na ida ou na volta - Geralmente as pessoas estão com mais energia na ida e mais desgastadas na volta.
- Condição física e mental do grupo.
- Situação geográfica.
- Dificuldade do percurso.
- Condições climáticas.
- Carga.

É o guia que determina a velocidade da caminhada, baseado em sua sensibilidade sobre todo o grupo.

Paradas

Vamos analisar agora os motivos que fazem um grupo em marcha parar de andar.

- Paradas rápidas para juntar o grupo;
- Paradas para descanso;
- Paradas para alimentação;
- Paradas para explicações;
- Paradas cênicas;
- Parada por força de obstáculo;
- Paradas para socorro.

Ordem de caminhada

Normalmente não se muda a ordem natural que se estabelece entre os participantes. Mas há casos nos quais você precisa "intervir cirurgicamente" no grupo e mudar a ordem dos caminhantes. Isso altera o resultado!

Por exemplo, se no fim de uma trilha, já voltando, um ou um grupinho é sempre identificado como os retardatários do grupo e se essa demora está sendo muito grande, basta você colocar os mais lentos à frente, que dos fatores positivos passam a correr:

1. Quem estava na frente tende a caminhar mais devagar, ficando atrás. Isso colabora para igualar a velocidade dos participantes.
2. Se os mais lentos estão à frente, não é preciso fazer parada para esperar, o que dá a sensação de estarem todos indo mais rápido.

Interpretação Ambiental

Interpretação ambiental é uma importante ferramenta de trabalho utilizada na educação ambiental, no manejo de áreas protegidas e, mais recentemente, no ecoturismo. Trata-se de um conjunto de técnicas de comunicação que visa revelar a natureza e a cultura local para o público, a fim de informá-lo, entretê-lo e sensibilizá-lo, promovendo atitudes e consciência conservacionistas.

A base conceitual da interpretação está na sensibilização e transmissão de informações aos visitantes, caracterizando-se por traduzir a linguagem do meio ambiente, num sentido amplo, envolvendo aspectos naturais, históricos, arquitetônicos, sociais e culturais, à linguagem comum dos visitantes, por meio de uma abordagem própria, aliando entretenimento, presença de significado, organização e também de uma mensagem a ser comunicada, buscando cativar o visitante e estimulá-lo a pensar (Egydio, 1999).

A interpretação ambiental deve ser um processo contínuo e estar presente em todas as etapas de contato do visitante com seu destino. A fim de estimular e manter seu interesse, é importante explorar todos os sentidos: compreensão, visão, audição, olfato e tato. Há pessoas que captam melhor as informações por meio da visualização, outras da audição ou do toque. Enfim, quanto mais possibilidades de exploração sensorial, maiores são as chances do visitante captar e reter a informação.

Em geral, as pessoas gostam mais de envolvimento sensorial, humor, novas informações inteligíveis e um intérprete entusiasmado. E desgostam de leitura, intérprete que fala muito, um programa técnico e apresentações longas e sem entusiasmo.



Condutor de visitantes apresentando a flora local.

Por parte do público, é importante considerar suas limitações de tempo, de interesses e de capacidades. Geralmente, o visitante não dispõe de muito tempo ou interesse para obter muita informação ou participar de um processo educativo. Por isso, deve-se dar prioridade aos conteúdos mais significativos e importantes. As formas de comunicação precisam ser diretas, objetivas e eficientes.

Meios Interpretativos

Podem ser classificados em personalizados e não personalizados. Os meios personalizados proporcionam uma interação entre o público e o guia ou intérprete. Os meios não personalizados são os que não utilizam pessoas, apenas objetos ou aparatos.

Trilhas Guiadas e Autoguiadas

Não se deve encarar uma trilha apenas como acesso a determinado atrativo. A própria trilha deve ser considerada como importante atrativo e, por isso, ser bem planejada e valorizada pela interpretação. As trilhas guiadas necessitam de um guia ou condutor que indicará o caminho e interpretará o ambiente.

	VANTAGENS	DESVANTAGENS
TRILHA GUIADA	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilitam comunicação efetiva entre visitante e intérprete. • A mensagem pode ser adaptada para diferentes públicos. • A presença e a atuação do intérprete despertam maior interesse. • Possibilitam o envolvimento da comunidade local (intérprete). 	<ul style="list-style-type: none"> • Requerem o treinamento e a presença do intérprete. • Atendem a pequenos grupos. • A sua efetividade depende da habilidade do intérprete. • Geralmente implicam custo adicional para o visitante.
TRILHA AUTOGUIADA	<ul style="list-style-type: none"> • São auto-explicativas. • Estão sempre disponíveis. • Atendem a grande número de visitantes. • Constituem forma rápida de educação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não possibilitam o esclarecimento de dúvidas. • São dirigidas a um público genérico. • É difícil manter o interesse do visitante. • É difícil controlar o vandalismo.

Observação de Flora

A observação de flora é fácil e pode ser feita de muitas maneiras. Pode-se aprender sobre a flora olhando uma paisagem do alto de um morro e, ao mesmo tempo, observando uma folha minúscula para olhar a superfície com o auxílio de uma lupa. É enorme a variedade de cheiros, cores, texturas e formas. Isso sem falar das variações internas que, embora não vejamos, devem ser lembradas, tais como a presença de óleos e o uso medicinal de determinadas plantas pela comunidade local. Cada paisagem tem sua peculiaridade e seus detalhes. Cada local visitado apresenta sinais de como era originalmente e de como ficou depois de sofrer alterações resultantes da ação do ser humano.

Dos ambientes mais naturais até os mais modificados pelo ser humano, dificilmente se encontra algum que seja desprovido de um exemplar da flora. E onde existir uma só plantinha, por menor que seja, há o que se observar nela.

Cada bioma brasileiro tem condições de clima e de solo que favorecem o crescimento de um conjunto típico de plantas. Ao visitar regiões de Caatinga, por exemplo, podem-se ver plantas muito bem adaptadas ao ambiente seco: em geral são arbustos esgalhados, plantas com folhas pequenas (que significam menor área de perda de água pela transpiração), espinhosas (os espinhos são folhas reduzidas) ou plantas suculentas (que armazenam água como os cactos).

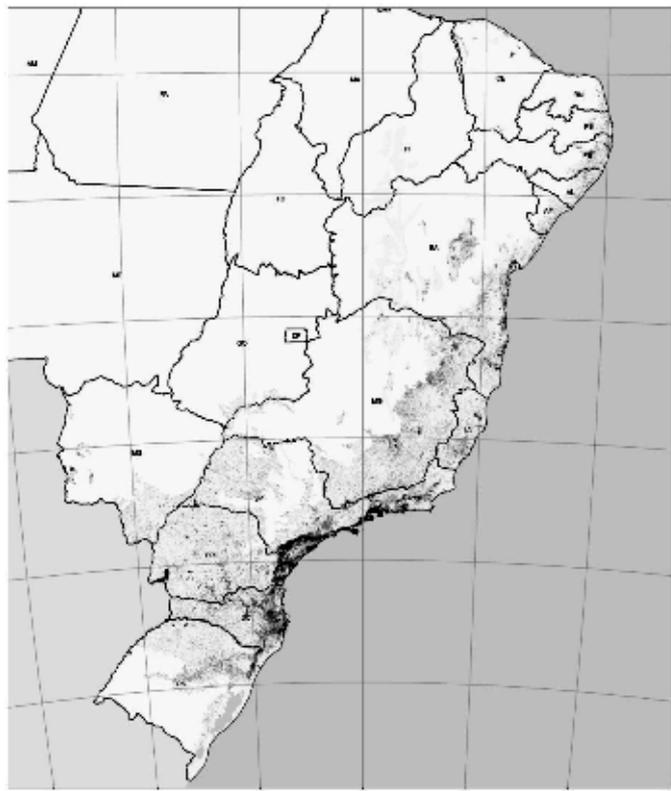
A Caatinga é, provavelmente, o mais desvalorizado e mal conhecido botanicamente. Esta situação é decorrente de uma crença injustificada, e que não deve ser mais aceita, de que a Caatinga é o resultado da modificação de uma outra formação vegetal, estando associada a uma diversidade muito baixa de plantas, sem espécies que só existem lá (endêmicas) e altamente modificada pelas ações humanas. Apesar de estar, realmente, bastante alterada, a Caatinga contém uma variedade de tipos vegetacionais, com elevado número de espécies e também remanescentes de vegetação ainda bem preservada, que incluem um número expressivo de espécies raras e endêmicas.

Caatinga é o tipo de vegetação que cobre a maior parte da área com clima semi-árido da região Nordeste do Brasil. A palavra Caatinga em tupi significa “mata branca” e trata-se de uma vegetação xerófita (que vive no seco) e decídua (cujas folhas caem). Para economizar água e enfrentar a seca, muitas plantas perdem as folhas na estiagem. Adaptada ao clima semi-árido do Nordeste, a Caatinga é formada por cactos e árvores de troncos tortuosos, cobertos de espinhos. O solo fértil abriga muitas espécies frutíferas.

Em se falando de Mata Atlântica, sabemos que, apesar de estar presente em 17 estados brasileiros, é o bioma mais ameaçado do Brasil, já que restam menos de 6% de sua cobertura original. Quando os portugueses chegaram, a Floresta Atlântica era a segunda maior formação florestal tropical da América do Sul. Os índices de seu desmatamento são muito mais graves nos estados do nordeste do Brasil, onde restam de 1 a 2% da cobertura original, estando a maioria no sul do estado da Bahia. Nela, existem diversas formações florestais e ecossistemas associados, a exemplo dos diferentes tipos de florestas, além das restingas e manguezais.

Apesar do intenso desmatamento e fragmentação, a Mata Atlântica, juntamente com seus ecossistemas associados, ainda é extremamente rica em biodiversidade, abrigando uma proporção elevada das espécies brasileiras, com altos índices de espécies que só existem lá. Estima-se que existam cerca de 250 espécies de

mamíferos (55 próprios dela), 1.023 de aves (188 próprias dela), e cerca de 20.000 espécies de árvores, metade das quais só existem nela (CEPF, 2001)



Atlas dos remanescentes florestais de Mata Atlântica – 2008
(Fundação SOS Mata Atlântica)

Na região de Boa Nova, ocorre ainda a Mata de Cipó, na transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica. As chamadas “mata de cipó” do sudoeste da Bahia apresentam maior número de espécies presentes na floresta atlântica do que de caatinga, além de espécies próprias. Tal fato credencia as matas de cipó como corredores naturais para estabelecer o fluxo gênico entre populações de plantas e animais, assegurando a conservação de diversas espécies da flora nordestina.

É muito interessante que o condutor procure transmitir ao visitante um pouco da história da vegetação que se apresenta na sua frente, bem como suas características ou até mesmo usos na cultura local.

Observação de Fauna

Recentemente, a fauna silvestre passou a ter um outro valor econômico: o de atrativo turístico. Em virtude do crescimento da degradação ambiental em todo o planeta, muitos passaram a caçar animais apenas



com binóculos, filmadoras e máquinas fotográficas. Conhecer os animais e seus hábitos é uma atividade estimulante e intrigante. Com o fortalecimento do movimento ambientalista, um número crescente de estudiosos passou a se interessar pela fauna silvestre. O ecoturista, experiente ou iniciante, aprecia a observação de fauna de uma maneira geral, particularmente quando obtém maiores informações sobre os animais observados.

É preciso também saber valorizar os grupos mais abundantes e evidentes como insetos, as aves e os répteis. Os mamíferos de grande e médio porte são de difícil observação no Brasil, seja pela escassez, pelo comportamento arisco, pelos hábitos noturnos ou pela vegetação fechada.

A observação direta desses animais requer locais bem preservados, além da habilidade e equipamentos específicos. Aqueles que pretendem promover a observação de fauna devem inicialmente aprender sobre os animais mais evidentes, a fim de valorizar esse importante atrativo ecoturístico. A observação de animais raros ou endêmicos (que só existem em locais restritos) é uma atividade que valoriza qualquer produto ecoturístico. No entanto requer mais conhecimento e responsabilidade.

Ética

É fundamental ter respeito pelos animais que se pretende observar, evitando perturbá-los. Um animal sensível pode abandonar seu ninho e, até mesmo, deixar de freqüentar um local, caso se sinta ameaçado pela presença do homem. Ninhos e filhotes nunca devem ser tocados ou perturbados. Não se deve aproximar demais dos animais nem provocar uma revoada apenas para conseguir uma fotografia.

Ambientes e horários

É importante compreender que existem horários e locais adequados para esta atividade. Alguns animais, como a maioria das aves, são mais ativos no início e no fim do dia; outros, como a maioria dos répteis, são mais ativos nos horários mais quentes; já os mamíferos são mais ativos no crepúsculo e à noite.

Alguns animais só são encontrados nas matas, outros nos campos e muitos são encontrados na transição de ambientes diferentes. Quanto mais opções de ambientes e horários diferentes, maior será a quantidade de espécies possíveis de serem observadas.

De maneira geral, devemos procurar os animais em locais de alimentação, abrigo e reprodução. Flores e frutos são atrativos importantes para a fauna, e o

conhecimento de plantas que estão florescendo ou frutificando será de grande valia na detecção de animais silvestres. Fontes de água também são locais muito visitados pelos animais, especialmente na época seca.

Observação direta

A melhor maneira de se observar a fauna é a direta, isto é, utilizando nossa visão, audição e olfato para detectar e apreciar os animais. Para facilitar e melhorar a visualização, é importante o uso de binóculos. Uma lupa também é útil no campo para observar pequenos animais, como os insetos.

A visualização pode ser diurna ou noturna. De dia, é importante o uso de roupas discretas e até o uso de esconderijos para conseguir uma aproximação maior dos animais. Esses esconderijos podem ser improvisados com panos,



plásticos, galhos e folhas. Deve-se evitar cheiros fortes (perfume, etc) para não espantar os animais que se pretende observar. Uma estratégia utilizada para se aproximar de animais que possuem bom olfato é caminhar contra o vento, evitando que percebam a presença humana à distância.

Outro detalhe importante é evitar conversa e barulho, pois a maioria dos animais possui ótima audição. Muitos animais detectam a presença de outro pelo movimento. Deve-se caminhar lentamente, especialmente na aproximação de algum animal, e evitar movimentos bruscos. Sendo detectado pelo animal, deve-se ficar imóvel até que ele prossiga na sua atividade.

Audição e olfato

Além da visão, deve-se procurar aprimorar outros sentidos que podem auxiliar na detecção de animais. Animais territoriais costumam marcar seu território com excrementos, urina ou secreções que podem ser detectados e até identificados pelo olfato. O uso da audição é muito importante, pois o simples estalo de um graveto pode nos revelar a localização de um animal. No caso das aves, o conhecimento de seus cantos é um dos principais trunfos utilizados por ornitólogos e observadores de aves para localizar e identificar as diferentes espécies. Outros animais também emitem vocalizações para se comunicar. Geralmente essas vocalizações são mais frequentes na época de acasalamento. Algumas vocalizações podem confundir e até assustar uma pessoa inexperiente

Transportes

A melhor maneira de se observar a fauna é a pé, particularmente nas trilhas. No entanto, existem situações em que um meio de transporte pode facilitar a visualização dos animais, a exemplo de cavalos e carros equipados para tal atividade.

Torres e passarelas

Algumas estruturas podem facilitar a observação de fauna, permitindo a aproximação e locais de difícil acesso, tais como torres e passarelas suspensas. O planejamento e a instalação desses equipamentos deve ser feita por pessoal qualificado, garantindo segurança e evitando grandes impactos. Atenção especial precisa ser dada aos materiais utilizados e às dimensões dos equipamentos, a fim de evitar a poluição visual de estruturas artificiais e fora de proporções.

Observação noturna

Alguns animais possuem olhos adaptados para a visão noturna e, por causa da sua constituição, refletem a luz. Esse fator permite uma localização rápida e eficaz. Com o uso de uma lanterna possante ou de um farol manual conhecido como cilibim, pode-se localizar com relativa facilidade os animais.

Observação indireta

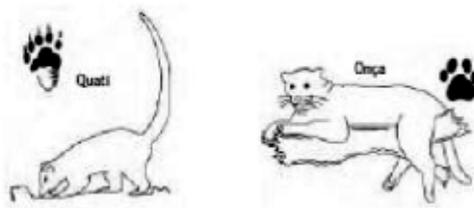
Os animais deixam diversos sinais diferentes: rastros, excrementos, pêlos, escamas, fuçados, arranhões, tocas, camas, ninhos e restos alimentares. Com a prática, aprende-se onde e quando procurar por esses vestígios. A identificação do animal e a leitura do que pode ser encontrado já é uma tarefa mais difícil. Para isso, é muito importante o uso de guias de identificação de sinais.

As amostras coletadas precisam ser etiquetadas com informações sobre procedência, data e coletor. Pêlos e excrementos têm de ser secos e guardados com naftalina para evitar o apodrecimento.

A procura

Procure inicialmente por trilhas de animais, onde a vegetação foi pisoteada, ou na beira de rios e córregos. São bons locais para se encontrar rastros e excrementos. Procure também em trilhas de gado ou ainda em estradas de terra. Solos macios como lama ou fofos, como pó de terra ou areia fina, são melhores para encontrar rastros. Solos duros, como terra batida e areia grossa

molhada, dificilmente registrarão pegadas. Procure principalmente em locais onde sejam prováveis fontes de água e alimento, por exemplo embaixo de plantas que estejam florescendo ou frutificando.



Pela manhã bem cedo (orvalho) ou após uma chuva são os melhores horários para procurar rastros. O solo úmido favorece a impressão de pegadas e a vegetação molhada revela trilhas recém-percorridas.

Observação de aves



“Ave” é uma terminologia correta para os seres emplumados, genérico para as diversas espécies da avifauna. O uso de “pássaros” ou “passarinhos” como genérico é considerado cientificamente errado para se referir a aves passeriformes, como andorinha, bem-te-vi, curió, entre outras.

Os nomes comuns variam de região para região, sobretudo em se tratando de um país grande como o Brasil, onde os nomes são dados pelos habitantes de determinada região em função das características mais aparentes ou relevantes da ave (cor, canto, comportamento, hábitat, etc).

O nome científico em geral é formado por pares de nomes cujos significados são decorrentes das características da ave, mas também podem incluir o nome de quem a identificou primeiro ou uma homenagem a alguém.

Atualmente, os observadores de aves – *birders* ou *birdwatchers* – tornaram-se o maior grupo de observadores da vida silvestre do planeta e é o grupo que mais cresce setorialmente no mundo. Trata-se de atividade que se resume em “coleccionar avistagem” de aves. Porém, em nenhuma das ciências relacionadas com a natureza, a linha que separa o amador do profissional (ornitólogo) é tão insignificante. Esse fato faz com que o guia ou condutor seja uma peça fundamental desse rentável segmento ecoturístico.

A melhor forma de iniciar-se na atividade de observar aves é com alguém mais experiente, que pode ser amador ou guia especializado. Em geral, o observador

principiante fica admirado com a habilidade dos mais experientes que, rapidamente, classificam e identificam aves.

A habilidade e a rapidez com que se consegue classificar e identificar aves devem-se ao fato de que o observador experiente sabe o que observar, sobretudo comparando as características da ave em observação com outras de seu conhecimento, associando diversos elementos:

1. **Tamanho** (maior ou menor que um pardal, galinha, urubu, etc)
2. **Forma, aspecto ou silhueta** (corpo, pernas, caudas, asa, bico, etc)
3. **Cores** (geral, predominante, da cabeça, do peito, das asas, riscas, etc)
4. **Vocalização** (alarme, chamado, territorial, canto, dueto, coro, etc)
5. **Vôo** (planado, batendo asas, direto ou furtivo, curto ou longo, etc)
6. **Hábitat** (mata aberta ou fechada, praia, restinga, manguezal, rochas, etc)
7. **Comportamento** (alimentar, pouso – chão / galhos, solitária, em grupo, etc)

A maioria dos pássaros prefere um hábitat específico para alimentar, aninhar, acasalar ou mesmo descansar, quando em rota migratória. Na atividade de observar aves, conhecer as características da construção dos ninhos ou de permanência de aves em determinado lugar ajuda bastante na identificação.

Normas de conduta:

- Promova o bem-estar das aves e seu ambiente natural
- Apóie e promova a proteção e a conservação de habitats
- Limite o tempo de interação ao observar, fotografar, gravar ou filmar aves
- Limite a observação ou, se for o caso, evite em áreas consideradas frágeis, utilizadas por aves para alimentação, descanso, acasalamento e/ou procriação
- Em habitats onde é possível a observação, permaneça nas trilhas e estradas utilizando, sempre que possível, camuflagem natural ou artificial
- Tome conhecimento das normas locais aplicáveis para a observação e as informe aos componentes do grupo
- Assegure-se que os participantes de grupos de observação tenham conhecimento da ética e das práticas, lembrando sempre as normas e condutas.

Como norma geral, todos os que gostam de aves e de observá-las devem sempre respeitar a vida silvestre e o meio ambiente. Em qualquer situação de conflito entre a fauna e os interesses dos observadores, o bem-estar das aves e o respeito por seus habitats devem ser prioridade.

Pedagogia da Mata e do Rural

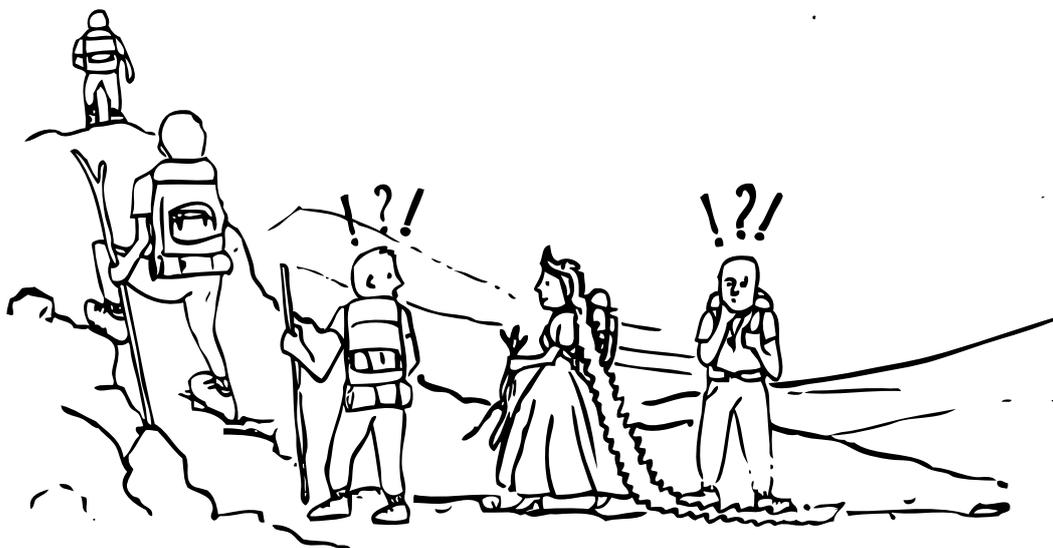
A pedagogia da mata e do rural é nova. Seu conceito surgiu na Alemanha e foi desenvolvido e readequado ao Brasil, enquanto pedagogia da mata. O rural vem surgindo como necessidade de adequar a pedagogia não só à mata, mas também ao rural, considerando a realidade brasileira e implementando o ecoturismo / turismo de base comunitária de uma forma mais eficaz.

As atividades desenvolvidas por esta pedagogia buscam propiciar ao visitante o estabelecimento de uma relação direta com o ambiente natural e cultural visitado, despertando o interesse por estes ambientes, promovendo uma consciência de conservação e fortalecimento da cultura e do meio ambiente.

Através de exercícios elaborados, onde busca-se utilizar todos os sentidos possíveis, (olfato, visão e etc) pode-se facilitar a interpretação ambiental / cultural do local visitado, além de auxiliar na sensibilização.



O QUE LEVAR PARA UMA CAMINHADA?

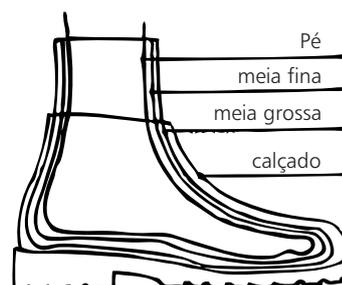


Vestuário para Caminhadas

- Calça comprida - devem ser de tecido macio, de preferência algo largo e confortável;
- Camisa ou camiseta - pode ser de manga longa ou curta, dependendo do calor, dos insetos e da abertura da trilha;
- Tênis adequado - deve ser preferencialmente de solado de borracha e antiderrapante, confeccionado em nylon ou lona para o pé não ficar abafado, solado alto para absorver irregularidades, cano semi-alto e calcanhar rijo.
- Meias - a meia ajuda a evitar formação de bolhas.
- Boné ou chapéu - muito importante sob sol forte em regiões abertas.

Considerações finais sobre as roupas

- Devem ser preferencialmente de cor clara, que absorvem menos calor, sendo assim mais confortáveis.
- Os guias devem usar uma roupa de cor que seja visível e reconhecível. É um fator de segurança que ao mesmo tempo dá um toque de diferenciação ao guia.
- Roupas de banho pode ser usada por baixo, facilitando na hora do banho.
- O uso de roupas camufladas do tipo militar não é recomendável.



Equipamentos de Excurcionismo

Equipamentos Básicos para Guias e Guiados

- Mochila
- Cantil
- Lanterna
- Capa de chuva
- Agasalho
- Lanche
- Sacos para lixo
- Protetor solar
- Roupa de banho

Equipamentos Básicos para Guias

- Corda
- Apito
- Relógio
- Canivete
- Estojo de Primeiros-Socorros
- Papel e caneta
- Pzinha e papel higiênico
- Isqueiro ou fósforos protegidos

Outros Equipamentos Interessantes para Guias

- Mapas
- Bússola
- Altímetro
- Pedômetro
- Binóculos

Alimentação para Caminhadas

Os alimentos têm uma dupla função em uma caminhada: repor as energias e sais minerais gastos com atividade física intensiva, e dar uma compensação psicológica ao cansaço e às eventuais condições adversas de uma caminhada. É comum um grupo ficar mal-humorado e reclamante no momento da fome e, logo após comer, volta o bom humor e a descontração.

Antes da caminhada, recomendamos um desjejum reforçado, mas de fácil digestão. Isso é importante porque o alimento leva um certo tempo até ficar disponível no sangue e nos músculos e é com esse desjejum que você terá energia até o lanche da hora do almoço.

Para a caminhada recomendamos levar: sanduíches de queijo, chocolates, biscoitos, frutas secas ou frescas, mas que não amassem, queijinho, suco em caixinha, etc.

NÃO LEVAR

Embalagens muito grandes, vidros e bebidas alcoólicas.

SEGURANÇA



Proporcionar segurança ao grupo é uma das funções principais do guia. A questão da segurança pode ser dividida em três etapas básicas e independentes apresentadas a seguir.

Por ordem de importância:

SEGURANÇA = CONCEITOS + TÉCNICAS + EQUIPAMENTOS

Conceitos de segurança

Como evitar perigos:

- A. andar sempre dentro das trilhas.
- B. ter sempre um guia experiente à frente, com os olhos atentos ao chão, para identificar uma eventual cobra na trilha, antes de passar por ela.
- C. não conduzir o grupo a locais que se saiba haver casos de vespas, abelhas ou marimbondos muito próximos à trilha.
- D. não levar, exceto que seja fundamental, o grupo em passagens muito próximas a abismos.
- E. em paradas, permanecer com a atenção voltada ao grupo, delimitar área de circulação dentro de alcance visual de algum guia e grudar os olhos em quem estiver dentro da área.

- F. alertar a quem não sabe nadar onde é raso e onde é fundo, determinando que fiquem no raso.
- G. proibir mergulho de cabeça.
- H. evitar fazer com o grupo ou permitir escaladas de cachoeiras, onde as pedras sempre lisas determinam tombos do alto, com conseqüências graves.
- I. ter sempre agasalho, capa de chuva e lanterna, tanto você como o grupo.
- J. não sair com grupos muito grandes ou com poucos guias o que não permitiria um bom controle das situações, gerando maior risco.
- K. calcule certamente o tempo das caminhadas, lembrando que um grupo sempre é mais lento que você andando sozinho. É uma tendência freqüente subestimar os tempos do percurso.
- L. fique sempre atento às mudanças de tempo.
- M. evite que as caminhadas terminem à noite, onde os riscos de acidentes aumentam naturalmente.
- N. sempre que necessário, dê os avisos e instruções do grupo de forma que todos sejam comunicados.
- O. no inverno ou em regiões mais frias, tome todos os cuidados em não expor seu grupo a situações de frio intenso.
- P. esteja sempre atento ao fenômeno de espalhamento do grupo ao longo da trilha. Não exite em fazer paradas para juntá-lo novamente (efeito minhoca).
- Q. nunca passe por uma bifurcação sem ter a confirmação do guia-de-trás, que o grupo está todo junto.
- R. sempre que o grupo se dispersar, confira-o com chamadas ou contagem.
- S. durante paradas instrua o grupo que, para se ausentar da área de circulação para "ir ao banheiro" ou por outro motivo, deve-se comunicar a um dos guias.
- T. observe e faça por ser observado sempre a ordem de caminhada que determina guias nas pontas do grupo.
- U. se você tiver dúvida em uma trilha, o que pode eventualmente ocorrer em função de modificação recente e surpreendente da paisagem, por queda de árvores, por exemplo, não prossiga com seu grupo. Se for o caso, deixe o grupo parado e faça um rápido reconhecimento até ter certeza do caminho. Só então conduza o grupo.

- V. esteja sempre atento ao grupo e perceba quando é requerido descanso, cuidados de primeiros socorros ou conforto psicológico. Um grupo levado muito além de seu limite é candidato a riscos desnecessários e sérios.
- W. assuma, junto com os demais guias, a liderança do seu grupo e encare todas as situações, por mais problemáticas que pareçam, com calma e objetividade.
- X. Aplique-se na sua função, estudando, trocando experiência com colegas, vivendo situações difíceis por conta própria para adquirir uma sólida segurança própria.

Técnicas de Segurança

- A. **Grupo monitorado** - guias sempre abrindo e sempre fechando o grupo ou, se for grupo pequeno, mantê-lo suficientemente próximo para acompanhar visualmente todos os participantes.
- B. **Ajuntamento do grupo**
- C. **Assistência localizada** - nas passagens de média dificuldade como uma pedra mais alta para passar, um buraco ou uma pinguela sem corrimão, posicionar o guia-móvel para ajudar a todos.
- D. **Passagens críticas** - usar a corda para dar segurança em descidas ou subidas que não tenham bons locais de segurar ou onde o excursionista não possa de jeito nenhum cair, como nas proximidades de precipícios.
- E. **Travessias de rios** - Antes de começar uma travessia, deve-se proceder a uma cuidadosa análise para determinar se o rio está com volume normal ou acima do nível. Em ambos os casos, os guias devem determinar o traçado da travessia, levando em conta a correnteza, a forma do piso e a profundidade. Geralmente se atravessa num ângulo voltado para o lado que a correnteza naturalmente conduz. O rio, estando normal, o guia faz sozinho ou junto com outro guia uma travessia-teste. Vai e volta. Se o rio estiver muito cheio, deve fazer o teste preso a uma corda, que posteriormente será fixada na outra margem. Para atravessar o pessoal, há 3 técnicas seguras: travessia autônoma (os guias se colocam em posições intermediárias para ajudar alguma dificuldade eventual); travessia por corrente humana (dando a mão para outro, andando de frente para a correnteza); travessia com auxílio de corda.

Alguns Equipamentos Básicos de Segurança

- Estojo de primeiros socorros
- Lanterna e pilhas
- Agasalho e capa de chuva

Primeiros - Socorros

Se você estiver sempre atento aos critérios de segurança, é provável que não ocorra nada de extraordinário em sua caminhada. Mas se houver algum imprevisto, temos que saber como socorrer. Os eventuais usos que você fizer dos conceitos e técnicas de primeiros-socorros, busca, resgate e salvamento podem também ser chamados de “ossos do ofício”.

Socorrer é uma atividade bem diversificada, que pode ser simples como a colocação de um band-aid num cortinho até a difícil tarefa de procurar e achar um excursionista perdido. Enquanto tudo vai bem numa caminhada, qualquer pessoa comunicativa e com conhecimentos sobre a região pode fazer um bom papel de guia, mas numa emergência é que é colocada à prova a verdadeira capacidade de liderar o grupo e selecionar problemas difíceis, ou seja, guiar efetivamente. Quando o socorro é solicitado para alguma ocorrência mais grave, saber todas as técnicas de socorro é muito útil. Mas fundamental mesmo é manter o auto controle, pois só assim se consegue tomar decisões sábias e rápidas. O grupo, quando ocorre um incidente mais grave, tende a se desestabilizar emocionalmente, tornando-se um segundo problema grave para ser resolvido pelos guias. Além disso, cada excursionista em crise pode contaminar a um outro e assim o problema se generaliza.

Dada a sua importância na prática de conduzir excursionistas na natureza, é muito importante que você faça um curso específico de primeiros socorros.

TÉCNICAS DE EXCURSIONISMO DE MÍNIMO IMPACTO



Princípios de Conduta Consciente em Ambientes Naturais¹

Planejamento é Fundamental

- Entre em contato prévio com a administração da área que você vai visitar para tomar conhecimento dos regulamentos e restrições existentes.
- Informe-se sobre as condições climáticas do local e consulte a previsão do tempo antes de qualquer atividade em ambientes naturais.
- Viaje em grupos pequenos de até 10 pessoas. Grupos menores se harmonizam melhor com a natureza e causam menos impacto.
- Evite viajar para áreas populares durante feriados prolongados e férias.
- Certifique-se de que você possui uma forma de acondicionar seu lixo (sacos plásticos), para trazê-lo de volta.
- Escolha as atividades que você vai realizar na sua visita conforme o seu condicionamento físico e seu nível de experiência.

Você é responsável por sua segurança

- O salvamento em ambientes naturais é caro e complexo, podendo levar dias e causar grandes danos ao ambiente. Portanto, em primeiro lugar, não se arrisque sem necessidade.

¹Texto retirado do folheto editado pela Secretaria de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente / Diretoria do Programa Nacional de Áreas Protegidas, dezembro de 2000, com a colaboração técnica do Centro Excursionista Universitário e apoio financeiro da embaixada dos Países Baixos. Representa uma mudança de atitude em relação ao uso público de áreas naturais e de unidades de conservação como os Parques Nacionais.

- Calcule o tempo total que passará viajando e deixe um roteiro de viagem com alguém de confiança, com instruções para acionar o resgate, se necessário.
- Avise a administração da área que você está visitando sobre: sua experiência, o tamanho do grupo, o equipamento que vocês estão levando, o roteiro e a data esperada de retorno. Estas informações facilitarão o seu resgate em caso de acidente.
- Aprenda as técnicas básicas de segurança, como navegação (como usar um mapa e uma bússola) e primeiros socorros. Para tanto, procure os clubes excursionistas, escolas de escalada, etc.
- Tenha certeza de que você dispõe do equipamento apropriado para cada situação. Acidentes e agressões à natureza em grande parte são causados por improvisações e uso inadequado de equipamentos. Leve sempre lanterna, agasalho, capa de chuva e um estojo de primeiros socorros, alimento e água, mesmo em atividades com apenas um dia ou poucas horas de duração.
- Caso você não tenha experiência em atividades recreativas em ambientes naturais, entre em contato com centros excursionistas, empresas de ecoturismo ou condutores de visitantes. Visitantes inexperientes podem causar impactos sem perceber e correr riscos desnecessários.

Cuide das trilhas e dos locais de acampamento

- Mantenha-se nas trilhas pré-determinadas - não use atalhos que cortem caminhos. Os atalhos favorecem a erosão e a destruição das raízes e plantas inteiras.
- Mantenha-se na trilha mesmo se ela estiver molhada, lamacenta ou escorregadia. A dificuldade das trilhas faz parte do desafio de vivenciar a natureza. Se você contorna a parte danificada de uma trilha, o estrago se tornará maior no futuro.
- Acampando, evite áreas frágeis que levarão um longo tempo para se recuperar após o impacto.
- Acampe somente em locais pré-estabelecidos, quando existirem.
- Acampe a pelo menos 60 metros de qualquer fonte de água.
- Não cave valetas ao redor das barracas, escolha melhor o local e use um plástico sob a barraca.
- Bons locais de acampamento são encontrados, não construídos. Não corte nem arranque a vegetação, nem remova pedras ao acampar.

Traga seu lixo de volta

- Se você puder levar uma embalagem cheia para um ambiente natural, pode trazê-la vazia na volta.
- Ao percorrer uma trilha, ou sair de uma área de acampamento, certifique-se de que elas permaneçam como se ninguém houvesse passado por ali. Remova todas as evidências de sua passagem. Não deixe rastros!
- Não queime nem enterre o lixo. As embalagens podem não queimar completamente, e animais podem cavar até o lixo e espalhá-lo. Traga todo o seu lixo de volta com você.
- Utilize as instalações sanitárias que existirem. Caso não haja instalações sanitárias (banheiros) na área, cave um buraco com quinze centímetros de profundidade a pelo menos 60 metros de qualquer fonte de água, trilhas ou locais de acampamento, em local onde não seja necessário remover a vegetação.

Deixe cada coisa em seu lugar

- Não construa qualquer tipo de estrutura, como bancos, mesas, pontes etc. Não quebre ou corte galhos de árvores, mesmo que estejam mortas ou tombadas, pois podem estar servindo de abrigo para aves ou outros animais.
- Resista à tentação de levar "lembranças" para casa. Deixe pedras, artefatos, flores, conchas etc. onde você os encontrou, para que outros também possam apreciá-los.
- Tire apenas fotografias, deixe apenas leves pegadas, e leve para casas apenas suas memórias.

Não faça fogueiras

- Fogueiras matam o solo, enfeiam os locais de acampamento e representam uma grande causa de incêndios florestais.
- Para cozinhar, utilize um fogareiro próprio para acampamento. Os fogareiros modernos são leves e fáceis de usar. Cozinhar com um fogareiro é muito mais rápido e prático que acender uma fogueira.
- Para iluminar o acampamento, utilize um lampião ou uma lanterna em vez de uma fogueira.
- Se você realmente precisa acender uma fogueira, utilize locais previamente estabelecidos, e somente se as normas da área permitirem.

- Mantenha o fogo pequeno, utilizando a madeira morta encontrada no chão.
- Tenha absoluta certeza de que sua fogueira está completamente apagada antes de abandonar a área.

Respeite os animais e as plantas

- Observe os animais a distância. A proximidade pode ser interpretada como uma ameaça e provocar um ataque, mesmo de pequenos animais. Além disso, animais silvestres podem transmitir doenças graves.
- Não alimente animais. Os animais podem acabar se acostumando com comida humana e passar a invadir os acampamentos em busca de alimento, danificando barracas, mochilas e outros acampamentos.
- Não retire flores e plantas silvestres. Aprecie sua beleza no local, sem agredir a natureza e dando a mesma oportunidade a outros visitantes.

Seja cortês com outros visitantes

- Ande e acampe em silêncio, preservando a tranquilidade e a sensação de harmonia que a natureza oferece. Deixe rádios e instrumentos sonoros em casa.
- Deixe os animais domésticos em casa. Caso traga o seu animal com você, mantenha-o controlado todo o tempo, incluindo evitar latidos ou outros ruídos. As fezes dos animais devem ser tratadas da mesma maneira que as humanas. Elas também estão sob sua responsabilidade. Muitas áreas não permitem a entrada de animais domésticos, verifique com antecedência.
- Cores fortes, como branco, azul, vermelho ou amarelo, devem ser evitadas, pois podem ser vistas a quilômetros de distância e quebram a harmonia dos ambientes naturais. Use roupas e equipamentos de cores neutras, para evitar a poluição visual em locais muito freqüentados.
- Colabore com a educação de outros visitantes, transmitindo os princípios de mínimo impacto sempre que houver oportunidade.

Conduzindo seu Grupo, causando o Mínimo Impacto

Como guia, você deve cuidar para que seus guiados se comportem adequadamente dentro dos conceitos de mínimo impacto e ao fazer paradas com o seu grupo, estude um local que consiga absorver o impacto do grupo todo se aglomerando. Como exemplo, não é bom fazer uma parada em trilha estreita, pois certamente a vegetação será danificada pelas pessoas se acomodando.

- Certifique-se se o grupo está levando consigo sacos de lixo.
- Tenha sempre com você alguns a mais para eventuais faltas.
- Nas instruções gerais que precedem a caminhada fale sobre os comportamentos adequados em relação ao lixo.
- Antes de iniciar uma pausa para lanche, lembre a todos sobre os cuidados com o lixo, por mais insignificante que possa parecer.
- Após levantar para partir, examine o local para ver se este encontra-se absolutamente isento de lixo. Inclua algum eventual lixo remanescente de algum visitante não consciente que tenha visitado o local anteriormente.
- Apanhe você mesmo o lixo restante ou induza seu grupo a fazer um mutirão de limpeza. Isso deve ser feito com simpatia e dinamismo, pois nesse ato você estará também educando o turista.
- Ao terminar a atividade, oriente para a disposição seletiva de materiais recicláveis nos contentores apropriados ou, na falta desse sistema, oriente para o destino que se queira dar ao lixo (lixeiros na propriedade, na cidade, no camping, etc).

Uma vez limpa, a tendência da trilha é permanecer limpa por mais tempo enquanto que uma trilha suja tende a se tornar muito mais suja rapidamente. É que muitas pessoas, ao verem um local com lixo, se sentem à vontade para deixar também seu lixo.

CAMINHADAS DE MAIS DE UM DIA



Até agora temos visto basicamente aspectos envolvidos em caminhada de um dia, ou seja, a caminhada começa pela manhã e termina à tarde ou no máximo no começo da noite, se atrasar. Agora vamos ver como ficam as caminhadas mais longas ou em locais que não dispõem de infra-estrutura de alimentação e hospedagem, quando você vai pernoitar na natureza. As diferenças ficam por conta de:

Preparo – O seu grupo deve ter um melhor preparo físico e condições psicológicas para suportar situações mais cansativas e desconfortáveis. É comum estarmos carregando mais peso e dormirmos em barracas apertadas.

Tamanho do Grupo – Seu grupo deve preferencialmente ser pequeno, de seis a dez pessoas, no máximo, para dois guias.

Vestuário – Não se esqueça nunca de levar e fazer que seja levado muda de roupa para dormir e trocar se molhar a original.

Equipamentos – O essencial é: barraca, saco de dormir, fogareiro, mochila cargueira e isolante térmico.

Alimentação – Numa caminhada de mais de um dia faz-se necessário três refeições diárias para manter um bom rendimento do corpo:

Desjejum - café da manhã.

Almoço - tradicionalmente não se almoça em caminhada. Nesse horário faz-se um lanche, com vantagens: não quebramos o ritmo da caminhada, perdendo um tempo imenso preparando alimentos cozinháveis e sendo uma refeição leve, fica fácil prosseguir a caminhada.

Janta - é a hora em que se faz a refeição quente.

Não leve - produtos perecíveis como maionese, vidros, alimentos hidratados e bebidas alcoólicas.

Mínimo Impacto – Excursionando por um período prolongado, suas chances de impactar a natureza aumentam. Tenha sempre frescas à mente as técnicas de excursionismo de mínimo impacto. Elas englobam viagens de mais de um dia.

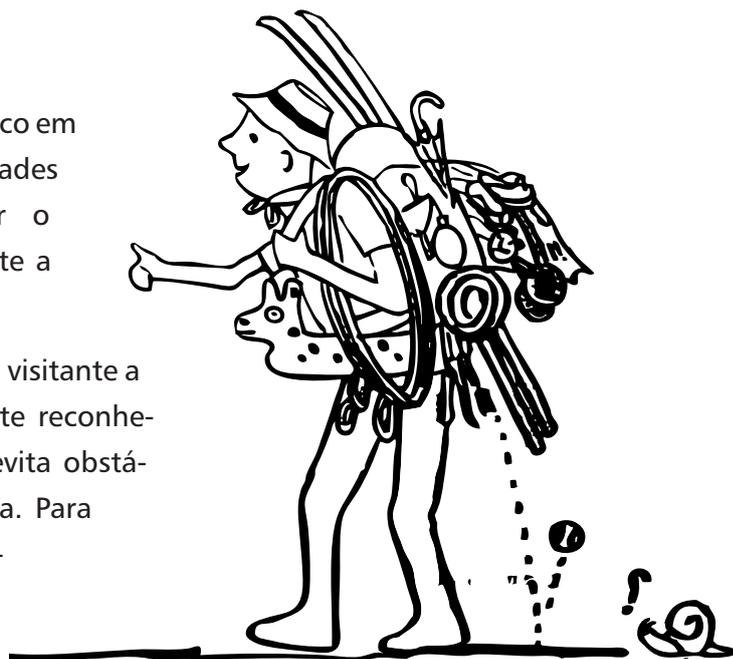
Segurança Dia e Noite – As técnicas de segurança para caminhadas de um dia se aplicam integralmente também em viagens com pernoite de campo. Alguns cuidados adicionais devem ser observados:

- A. Monitore o cansaço dos visitantes sob o peso das mochilas cargueiras. Faça mais descansos. Ande numa velocidade mais lenta do que se estivessem sem carga.
- B. Escolha bem a área de camping.
- C. Se vai abandonar a barraca para fazer alguma incursão local, evite deixar alimentos dentro da barraca. Os animais poderão sentir o cheiro e entrar na tenda por métodos pouco ortodoxos.
- D. Quando deixar botas e tênis dormirem do lado de fora, faça sempre uma cuidadosa inspeção em seu interior para verificar se não há animais.
- E. Lembre-se que você estará muito mais isolado e longe de outros cuidados se não os que você possa dar diretamente em caso de acidente.

MANEJO DE TRILHA

Um dos objetivos de trilhas de uso público em áreas naturais é suprir as necessidades recreativas de maneira a manter o ambiente estável e permitir ao visitante a segurança e o conforto necessários.

As trilhas devem sutilmente encorajar o visitante a permanecer nelas por serem facilmente reconhecidas como caminho mais fácil, que evita obstáculos e minimiza a energia dispensada. Para tanto, devem manter uma regularidade e continuidade de seu caminho, evitando mudanças bruscas de direção e sinalização. Obstáculos como pedras, árvores caídas e poças de lama devem ser evitados, pois provocam a abertura de desvios.



Grande parte do impacto ambiental em trilhas ocorre por causa do seu abandono. Este é consequência de: tentativa de evitar necessários ziguezagues, obstáculos e trilhas com superfície formada somente por pedras ou, ainda, a procura da sensação de "aventura" (Schelhas, 1986).

As trilhas podem ser divididas em trilhas de curta e longa distâncias. As de curta distância apresentam caráter recreativo e educativo, com programação desenvolvida para interpretação do ambiente natural. Já as de longa distância valorizam a experiência do visitante que busca deslocar-se por grandes espaços selvagens, como as viagens de travessia pela região.

Solo

Há pelo menos dois fatores de alteração do solo decorrentes da utilização de trilhas: compactação e erosão. O efeito do pisoteio produz um impacto direto, que resulta na exposição das raízes das árvores, causando riscos de doenças e quedas, e na diminuição da capacidade de retenção de ar e absorção de água, alterando a capacidade do solo de sustentar a vida vegetal e animal associada. As trilhas ainda alteram o padrão de escoamento da água na região. Por estar com a superfície limpa, o solo absorve menor quantidade de água, por isto escorre com maior velocidade devido à ausência de obstáculos. A água provoca o deslocamento de partículas, aumentando a erosão. Quanto maior a inclinação do terreno, maior a velocidade da água e maior a quantidade de partículas deslocadas.

Vegetação

A presença de uma trilha provoca mudanças na composição da vegetação ao redor. Quando uma trilha é aberta há alteração da luminosidade disponível, o que facilita o crescimento das plantas tolerantes à luz. O constante pisoteio na trilha acaba destruindo as plantas por choque direto e pela compactação do solo. A erosão do solo expõe as raízes das plantas, dificultando sua sustentação e facilitando a contaminação por pragas.

Outros fatores

Lixo, incêndios, vandalismos e coleta de materiais são problemas comuns associados à utilização das trilhas.

Planejamento

O planejamento de trilhas deve levar em consideração:

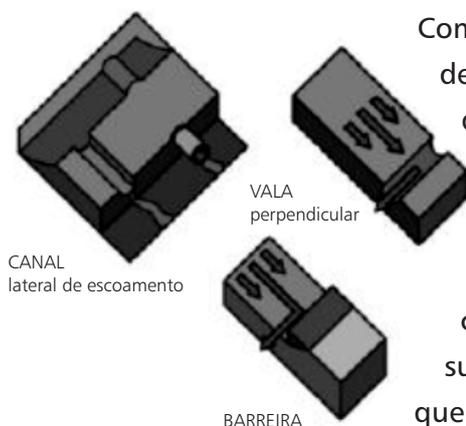
- Clima;
- Topografia
- Drenagem
- Vegetação
- Habitat
- Solo
- Informações técnicas já existentes sobre a região (mapas, fotografias etc)
- Características históricas e culturais
- Diversidade biológica, climática e topográfica
- Probabilidade de volume de uso futuro

É importante evitar que a direção da água seja a mesma da trilha. Deve haver, ao menos, um sistema de drenagem correto para que ela corra “pela” e não “ao longo” da superfície da trilha.

Uma forma de ascensão moderada é conseguida pelos ziguezagues, mas sua construção deve levar em consideração os seguintes fatores (Proudman, 1977):

- eles são difíceis de construir;
- sua repetição é monótona;
- devem dar a sensação de avanço para quem sobe;
- devem ter curvas espaçadas para que uma não seja visível de outra (a fim de evitar que as pessoas cortem caminho);
- a distância entre elas deve ser longa.

Drenagem



Como a presença de uma trilha altera o padrão de circulação de água na área, algumas obras de “reorganização” da drenagem são necessárias.

Podem-se construir canais laterais de escoamento (para que a água corra paralelamente à trilha), canais que cruzam perpendicularmente à trilha (tanto em nível como por baixo da mesma) e valas ou barreiras oblíquas à superfície da trilha, para facilitar o escoamento da água que está eventualmente sobre ela.

Ultrapassagem de corpos d'água

Neste tema, estão incluídos não só a ultrapassagem de rios e riachos como também a ultrapassagem de locais alagados. No primeiro caso, as obras são basicamente de construção de pontes e pinguelas. Com relação à ultrapassagem de alagados, pode-se solucionar o problema com blocos de pedra e/ou “fatias” de troncos dispostos estratégica e seqüencialmente. Outra maneira (porém mais dispendiosa) são os tablados ou estrados, que permitem uma caminhada fácil e segura, transferindo a superfície de uso direto do solo para a madeira.



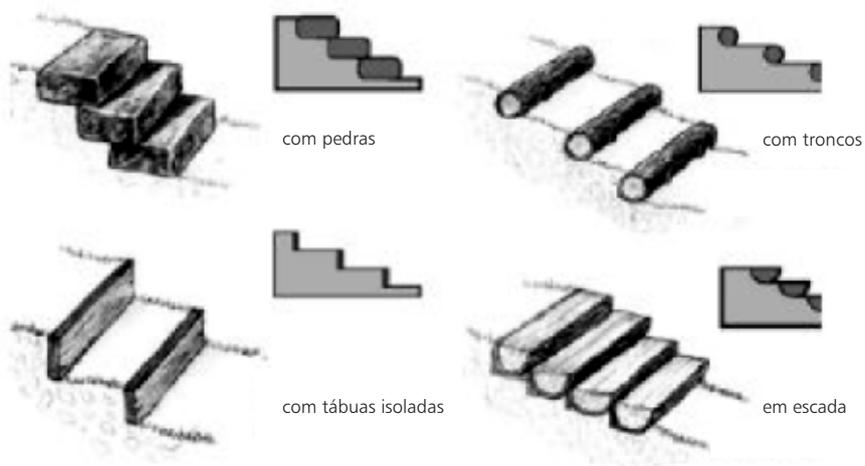
Pedras ou troncos e tablados ou estrados para a ultrapassagem de alagados

Contenção de erosão

A construção de degraus é uma das mais difíceis obras em trilhas. Devem ser construídos somente se não houver outra alternativa. É importante evitar longos trechos de degraus em linhas retas, construção em terrenos ao lado de quedas abruptas (terrenos normalmente instáveis) e também analisar o local da obra tanto com uma visão de quem desce como de quem sobe, a fim de tornar o traçado o mais atrativo possível (Agate, 1983). Os degraus podem ser feitos de várias maneiras: com pedras, troncos e pranchas de madeira.

A construção de “paredes” de contenção em declives tanto previne a erosão da trilha, no caso da encosta estar abaixo dela, como previne a deposição de material advindo da encosta acima. Também pode ser feita de pedras, troncos ou com ambos (Agate, 1983; Proudman, 1977).

Tipos de degraus utilizados em trilhas



Paredes de contenção



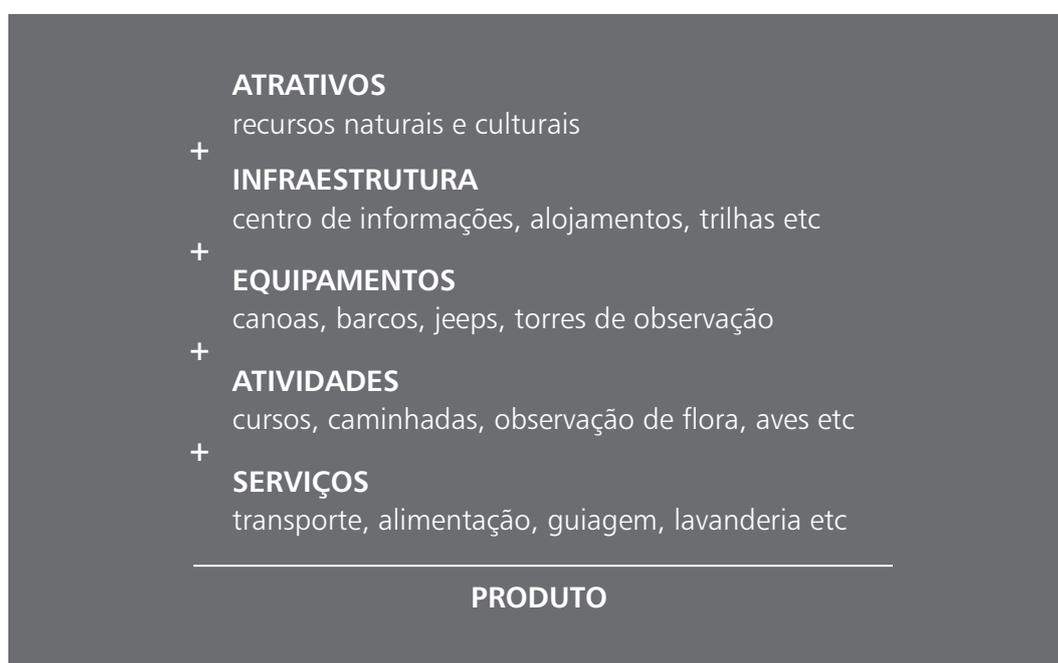
Outras

- Mirante
- Estrutura para prover segurança durante observação de um determinado panorama.
- Corrimão
- Estrutura para prover segurança, em escadas e pinguelas.
- Guarda-corpo
- Estrutura de proteção, principalmente em mirantes, quando há exposição a desníveis acentuados e perigosos.

ROTEIRO E PRODUTO TURÍSTICO

Produtos turísticos são o resultado da soma de atividades e serviços, apoiados por equipamentos e infra-estrutura, combinados para se apreciar ou desfrutar atrativos, quer sejam eles baseados em recursos culturais, ambientais (flora e fauna) ou cênicos.

Tecnicamente, entende-se que o processo de desenvolvimento de produtos ecoturísticos ou turísticos de base comunitária, se traduz na seguinte fórmula:



Procedimentos básicos para a execução de um roteiro turístico, utilizando um produto:

1. Fazer um levantamento dos atrativos, da infra-estrutura, dos equipamentos, das atividades e dos serviços disponíveis, observando as normas dos locais a serem visitados;
2. Construir um roteiro, detalhando quantidade de dias, horários, etc;
3. Exercitar o roteiro;
4. Fazer um teste.

Um bom roteiro deve ter:

- Diversidade (ambiental e cultural);
- Autenticidade (mostrar e proporcionar a vivência do que é típico do local);
- Beleza cênica;
- Informação em quantidade e qualidade (geografia, ecologia, história e cultura);
- Rusticidade com conforto;
- Limpeza em todos os locais;
- Segurança.

OBSERVAÇÃO: tenha sempre um segunda plano em mãos, se prevenindo para a possibilidade de algo não funcionar, a exemplo da quebra de algum equipamento ou mudança de tempo.

CARTOGRAFIA, ORIENTAÇÃO E NAVEGAÇÃO



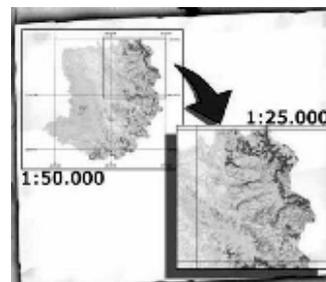
Como guia você deve conhecer tão bem o caminho que não necessita de mapa para “se achar”. Mas saber como se lê um mapa e bússola é importante em caso de resgate, pesquisa de novas trilhas (normalmente em áreas fora de parques) e como objeto de ilustração da caminhada aos seus guiados.

Mapas

Um mapa é uma representação plana do terreno, destinada a transmitir informação acerca da posição relativa entre cidades, estradas, acidentes geográficos, etc. Esta representação é feita através de algumas características impressas no mapa.

Escala

É a relação entre uma distância no terreno e sua representação no mapa. Uma escala de 1:50.000 indica que cidades, montanhas, lagos e estradas são representados no mapa cinquenta mil vezes menores do que são na realidade ou que 1 quilômetro (50 mil centímetros) no terreno equivale a 1 centímetro no mapa.



Sistema de coordenadas

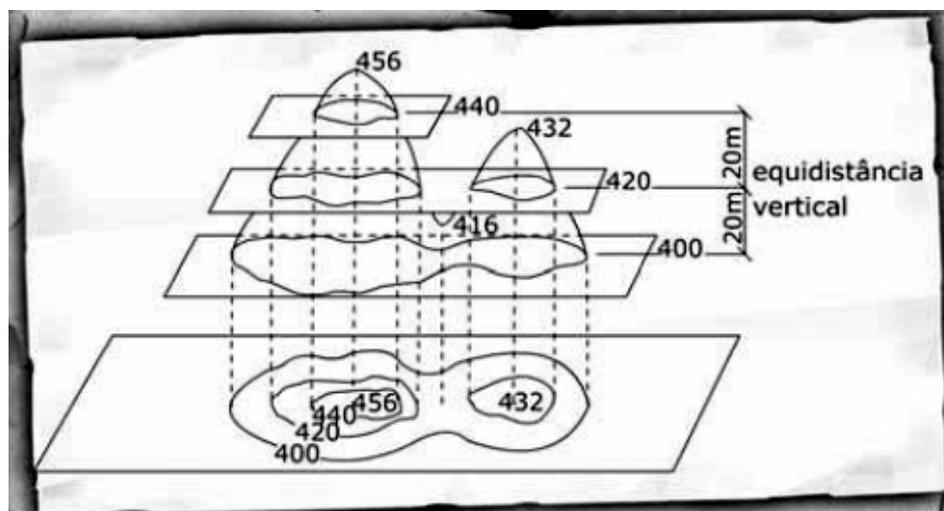
Forma de identificar a posição de um ponto na superfície da terra por meio de um conjunto de números. Por exemplo, a posição de uma cachoeira, uma montanha, pode ser anotada, possibilitando a troca de informações a respeito de como chegar a esses lugares.

Através de dois ângulos (longitude e latitude), podemos nos localizar na superfície terrestre, similar a um endereço.

Convenções gráficas

São os símbolos usados para indicar o que está representado (estradas, ferrovias, curvas de nível, rios e etc). A maioria das medições são por representação direta de linhas coloridas, contínuas ou tracejadas, devidamente identificadas na legenda do mapa.

O artifício mais interessante são as curvas de nível, que são linhas representativas das montanhas e vales.



CURVAS DE NÍVEL

Bússolas

A bússola é um instrumento utilizado há centenas de anos em navegação. Seu principal componente é uma agulha que aponta sempre para o norte magnético, alinhada com o campo magnético da Terra.

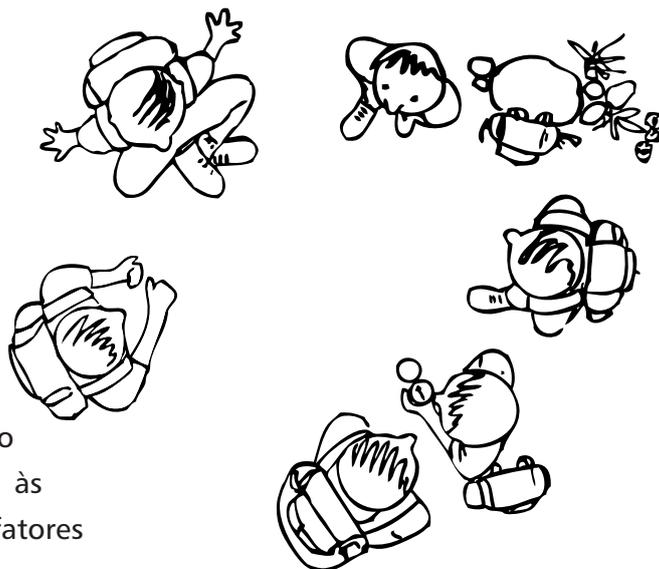
Um detalhe fundamental a ser lembrado quando utilizamos a bússola em conjunto com o mapa topográfico é a existência de dois nortes: o norte magnético (norte da bússola) e o norte verdadeiro (norte do mapa). Essa diferença ocorre porque o fenômeno natural que causa o magnetismo terrestre não está alinhado com o eixo de rotação da Terra (que define o norte e o sul verdadeiros). Esse fenômeno também não é estável temporalmente, de forma que a posição do norte magnético varia lentamente ao longo dos anos.

Um fator muito importante a considerar quando utilizamos uma bússola é a interferência causada por objetos metálicos, aparelhos elétricos, rochas e outras anomalias locais.

CONCLUSÕES

Ética Profissional

A responsabilidade do guia ou condutor é muito grande. Cabe a ele cuidar da integridade do turista, da comunidade local e dos patrimônios cultural e ambiental. O condutor deve seguir rigorosamente os horários e roteiros e usar flexibilidade quando necessário, procurando sempre atender às expectativas do cliente. Além disso, outros fatores devem ser observados:



Ética entre os guias: Os guias devem se respeitar mutuamente, tomarem decisões em conjunto e, em caso de discordância, resolver isso em particular.

Guia mulher: Guias mulheres devem ser respeitadas e consideradas sem discriminação alguma. Cabe lembrar que mulher que se torna guia pode perfeitamente manter a graça da feminilidade.

Respeito com o guiado: Ao falar ou se referir a seus visitantes, mantenha sempre o respeito. Não significa submissão. Se o grupo for mal educado com você, não desça ao nível dele.

Igualdade: Todos os participantes têm direito de serem guiados de forma igual.

Profissionalismo: O guia ou condutor deve ter sempre em mente a seriedade do seu trabalho (mesmo mantendo bom humor, descontração e brincadeiras na hora certa). Além disso, guias devem dar sempre exemplos positivos. Devem agir sempre dentro dos conceitos de mínimo impacto e cuidados com a natureza e com a cultura local. Não é bom fazer coisas ou ir a locais onde aos guiados seja proibido, para simples diversão.

Conflitos: Conflitos entre participantes do grupo podem ser resolvidos com o apoio do próprio pessoal, ficando mais delicadas situações de conflito entre um visitante ou o grupo todo com os guias. Aja de forma diplomática e procure estabelecer as verdadeiras causas do problema colocando toda a sua capacidade de raciocínio na direção de solucioná-lo. Mas, ocorrendo um caso de desobediência sistemática do seu pedido e esgotados todos os seus argumentos para resolver a questão, chame o grupo todo para testemunhar os fatos. Assim, se acontecer alguma coisa a eles, você terá várias testemunhas para isentá-lo da culpa.

Associativismo

O associativismo é a reunião de pessoas ou entidades com objetivos específicos a fim de gerar benefícios e superar dificuldades em nível econômico, social, ambiental ou político.

A realidade brasileira, particularmente do interior, onde se pratica o ecoturismo e o turismo de base comunitária, requer uma adequação na qualificação do guia aos baixos níveis de escolaridade e ao difícil acesso aos cursos oficiais. Nos estados de Goiás e Bahia desenvolveu-se na Chapada dos Veadeiros e Chapada Diamantina, a categoria de Conductor de Visitante. A maioria dos condutores locais formaram as ACVs (Associações dos Condutores de Visitantes). Os cursos foram realizados através de parcerias com ONGs e governos municipais, estaduais e federais. Hoje estas associações funcionam em forma de redes regionais: Rede Bioma Cerrado (Chapada dos Veadeiros-GO), ACV-CD (Chapada Diamantina-BA) e REMA-VALE (Vale do Ribeira-SP).

Como a atividade de Conductor de Visitantes não é regulamentada e pela oferta de guias mateiros em regiões remotas, as associações de condutores pressionaram e a Embratur recomendou que os estados regulamentem os condutores locais. Em São Paulo, estes profissionais foram reconhecidos como Monitores Ambientais enquanto que, na Bahia, a Bahiatura está com um projeto em mãos, visando regulamentar a atividade no território baiano, engavetado há mais de cinco anos. As associações de condutores de visitantes da Chapada Diamantina ainda lutam por este reconhecimento.

Conclusões e Reflexões

Conduzir bem um grupo não é uma tarefa muito simples, como deu para perceber ao longo deste curso. Exige conhecimento, experiência e sensibilidade.

Conduzir um grupo é muito mais do que levá-lo a algum lugar. É levar com informação e segurança.

Conduzir grupos é uma profissão muito agradável, pelo contato com a natureza e ao mesmo tempo, contato humano. Mas de muita responsabilidade também. Muitas vezes a vida das pessoas está nas mãos do guia. Para dar segurança é preciso ter uma sólida segurança própria e esta se adquire estudando e principalmente, tendo experiências pessoais.

VOCÊ SE SENTE SEGURO PARA DAR SEGURANÇA A UM GRUPO DE VISITANTES?

Refleta profundamente e responda honestamente para si, esta pergunta.

Caso você não se sinta ainda preparado para guiar uma excursão, não desanime. Aprofunde-se no estudo dos conceitos e técnicas aqui abordados e comece acompanhando outros grupos como auxiliar ou aprendiz. Discuta suas vivências com seus colegas.

Mesmo guias experientes aprendem mais a cada caminhada. É muito importante e bonito sermos humildes e reconhecer, se for o caso, que precisamos aprender mais antes de assumir uma grande responsabilidade. A vida retribuirá esse gesto com uma evolução profissional gradual, sólida e cheia de boas lembranças. Do contrário, assumindo responsabilidades sem estarmos preparados para tal, a vida pode nos devolver pesadelos, amarguras, culpa e tristes lembranças.

Referências Bibliográficas

- AGATE, E. Footpaths; a practical conservation handbook. Berkshire: Wembley Press, 1983.
- ANDRADE, W. J. Manejo de trilhas in MOURÃO, R. (Org.). Manual de melhores práticas para o ecoturismo. Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.
- ARAÚJO, F.F.S. Navegação terrestre e cartografia básica in Manual MOURÃO, R. (Org.). Manual de melhores práticas para o ecoturismo. Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.
- BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Estudo de Fomento ao Turismo: Projeto de Assentamento Cascata. Salvador, 2008.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Excursionismo de Mínimo Impacto. Princípios de Conduta Consciente em Ambientes Naturais. Folheto, 2000.
- BRASIL. Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC. 2000.
- BRINA, A.E. Observação de Flora in MOURÃO, R. (Org.). Manual de melhores práticas para o ecoturismo. Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.
- DIAS R. e ANDRADE W.J. Condução de Visitantes e Excursionismo. Manual MPE, 2001.
- DIAS, R. Interpretação Ambiental in MOURÃO, R. (Org.). Manual de melhores práticas para o ecoturismo. Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.
- DIAS, R. Observação de Fauna in MOURÃO, R. (Org.). Manual de melhores práticas para o ecoturismo. Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.
- FERREIRA, J. P. Enciclopedia dos Municípios Brasileiros. Volumes 20 e 21. IBGE: Rio de Janeiro, 1958.
- GIULIETTI, A.M. Diagnóstico da Vegetação Nativa do Bioma Caatinga.
- HOLANDA, A. B. de. Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.

IBGE. Boa Nova - BA. Site: biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/boanova.pdf. Acesso em 25/02/2012.

IVO, I. P. Tão longe, tão perto: trabalho, aventuras e trânsitos culturais nos sertões mineiro e baiano, século XVIII. In NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertões da Bahia. Arcadia: Salvador, 2011.

MACEDO, G. E. L. Florestas estacionais interioranas do Nordeste – o brejo novo. III CLAE e IX CEB, 10 a 17 set 2009. São Lourenço-MG.

MOURÃO, R.M.F. Ecoturismo e turismo sustentável in Manual MOURÃO, R. (Org.). Manual de melhores práticas para o ecoturismo. Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.

MOURÃO, R.M.F. Observação de Aves in Manual MOURÃO, R. (Org.). Manual de melhores práticas para o ecoturismo. Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.

NEUWIED, M. P. de W. Viagem ao Brasil. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1940.

NEVES, E. F. e MIGUEL, A. (Orgs.). Caminhos do Sertão. Ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia. Arcadia: Salvador, 2007.

NOBRE I. Curso Básico de Conductor de Visitante Ecoturístico. 1997.

PROUDMAN, R. D. AMC field guide to trail building and maintenance. Boston: Apalachian Mountain Club, 1977.

SCHELHAS, J. Construção e manutenção de trilhas. In: curso de treinamento e capacitação em gerenciamento de parques e outras áreas protegidas, 1986, São Paulo. São Paulo: Instituto Florestal, 1986. V. 1.

TORRES, T. L. Município dos Poções. Rev. Inst. Geo. e Hist. da Bahia, Salvador, v.20, 1899.

WWF-BRASIL. Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável. Brasília, 2003.

Realização



Parceria

